

DIMENSÕES PROFISSIONAIS E ACADÊMICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL: UMA SÍNTESE DAS DISCUSSÕES

Rita de Cássia Garcia VERENGUER*

RESUMO

A presença da Educação Física na Universidade tem exigido dos seus interlocutores uma constante reflexão sobre suas dimensões profissionais e acadêmicas. O presente artigo procura, a partir de uma revisão de literatura, mapear as discussões sobre essas dimensões ao longo dos últimos 15 anos. A respeito das dimensões profissionais observa-se a discussão sobre os cursos de graduação - licenciatura e bacharelado - e a definição do perfil profissional. Quanto às dimensões acadêmicas têm-se como preocupação a caracterização de uma área de conhecimento - cinesiologia/ciência da motricidade humana/ciência do movimento humano responsável por estudar a motricidade humana/movimento humano. A pesquisa é de natureza básica, para a área de conhecimento, e aplicada, para a Educação Física.

UNITERMOS: Graduação; Profissão; Área de conhecimento; Pesquisa; Educação Física.

INTRODUÇÃO

“...vamos expor uma nova ciência a respeito de um tema muito antigo. Não existe na natureza nada anterior ao movimento...” (G. Galilei, 1638).

A preocupação com a caracterização do campo de conhecimento em Educação Física está relacionada com a necessidade de justificar a presença da mesma na Universidade, ou seja, tem-se, por parte da comunidade acadêmica, uma tomada de consciência no sentido de que a Educação Física não pode ser caracterizada eminentemente como um curso de preparação profissional.

Por iniciativa governamental, a partir de um diagnóstico publicado em 1971, foram implantados programas de pesquisa em Educação Física que proporcionaram a abertura dos cursos de mestrado (a partir de 1977) e a titulação de docentes no Brasil e no exterior (Canfield, 1988).

A consolidação deste processo deu-se na década de 80 com a chegada dos pós-graduandos brasileiros que se encontravam no exterior, com a sistematização de eventos científicos, com o lançamento de periódicos da área e, sobretudo, com a criação de um ambiente favorável à discussão de novas idéias e ao desenvolvimento da pesquisa (Betti, 1991).

Dentre os frutos deste ambiente de reflexão e crítica destaca-se a discussão sobre preparação profissional e campo de conhecimento em Educação Física e sua inter-relação.

Este artigo não se caracteriza por apresentar uma discussão acabada e nem tão pouco tem a pretensão de ser a única, sobretudo no que se refere às dimensões acadêmicas da área, dado o caráter relativamente recente destas, mas pretende, sim, ser uma possível síntese das discussões visando contribuir para mapear e indicar caminhos sobre os temas abordados.

* Universidade São Judas Tadeu.

Deste modo, o que se segue são as idéias expostas na literatura sobre a preparação profissional em Educação Física e a caracterização acadêmica da área ao longo dos últimos 15 anos no Brasil. A síntese deste debate no cenário internacional pode ser encontrada em Renson (1989).

No que tange às dimensões profissionais observa-se na literatura a crítica à formação do licenciado em Educação Física e a defesa (e sua respectiva crítica) à criação do Bacharelado. Sobre as dimensões acadêmicas vê-se os autores procurando delimitar o objeto de investigação da área e a natureza da pesquisa para conhecer e explicar este objeto.

DIMENSÕES PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Até 1987, data da aprovação da Resolução no.3 que criou a opção do bacharelado em Educação Física, a formação profissional era regida pela Resolução no.69/69 que regulamentava exclusivamente o curso de licenciatura em Educação Física e Técnico de Desportos (São Paulo,SE, 1985).

Dadas estas condições, observa-se que as críticas à formação de recursos humanos em Educação Física têm dois pontos centrais: a) os cursos formam, devido sua abordagem essencialmente técnica, pseudo-professores ou licenciados com características de técnico esportivo e b) como única opção de graduação formam, de maneira superficial, recursos humanos para atuarem nas áreas do Esporte, da Dança e do Lazer/Recreação.

Medina (1983), em um texto clássico, afirma que os licenciandos em Educação Física além de terem poucas noções sobre a finalidade da Educação e da Educação Física no ensino formal, supervalorizam a competição, o resultado e a vitória, objetivos próprios do Esporte.

Corroborando com as idéias acima citadas, Oliveira (1984, p.14) afirma que o perfil do professor de Educação Física quando atua na área escolar "... ficou delineado pela sua inserção na esfera esportiva...".

A formação do licenciado em Educação Física, que pelo texto legal (Resolução CFE no.69/69) dá-se concomitantemente à do técnico desportivo, parece dar ênfase a esse último e, por conseqüência, acentua os problemas com o componente curricular e a indefinição do perfil do professor (Carmo & Aragão, 1983; Mariz de Oliveira, Betti & Mariz de Oliveira, 1988).

Neste sentido, Tojal (1989, p.20-1) afirma que

... Em geral, os currículos das Escolas de Educação Física procuram dar uma formação não específica, objetivando ensinar atividades esportivas, porém a maneira dissociada como as matérias são desenvolvidas, acabou por formar um profissional com algum conhecimento da área pedagógica e de modalidades esportivas, gerando com isso inseguranças para sair do campo específico da Educação...

Aliado aos problemas de competência técnica do professor de Educação Física pode-se afirmar que este não se identifica como educador e tem pouca consciência política (Carmo, 1982).

Embora os licenciados tenham sua parcela de responsabilidade na condução dos programas de Educação Física na escola, ou seja, com a qualidade dos serviços prestados, Moreira (1988, p.266) desloca essa responsabilidade para os cursos de graduação e constata que "... em 50 anos dedicados à licenciatura, os cursos de educação física, a nível superior, não conseguiram desenvolver competência para o trabalho em educação física formal ...". Mais que isso, para o autor a exclusividade do curso de licenciatura caracteriza-se como falta de opção.

Por outro lado, o reconhecimento de que as atividades motoras próprias da Educação Física poderiam ser desenvolvidas fora do universo escolar foi motivo que levou Silva (1983, p.126) a defender a criação do bacharelado: "... definir um currículo em termos de bacharelado, possibilitando a formação de um profissional apto a atuar junto a atividades e instituições que não tenham características educacionais e desportivas...".

É importante observar que o autor admite que o bacharel em Educação Física não é o profissional que vai atuar na área do Esporte, ou seja, esta atuação estaria desvinculada da formação e atuação daquela.

Os cursos de Educação Física no Brasil, ao longo de sua história, sempre justificaram a amplitude da atuação profissional pelo fato da atividade motora ser o elemento comum ao Esporte, à Dança e ao Lazer/Recreação.

No entanto, é possível afirmar que no Lazer/Recreação esta relação é parcial, pois a atividade motora é um dos seus elementos constitutivos. Quanto ao Esporte e à Dança, a atividade motora se reveste de objetivos e características próprias tornando-os instituições autônomas e independentes.

Mariz de Oliveira (1983, 1988) defende que a Educação Física, o Esporte, a Dança e o Lazer/Recreação são instituições diferenciadas e propõe o curso de bacharelado em Educação Física, o bacharelado em Esporte, o bacharelado em Dança e o bacharelado em Lazer/Recreação.

No caso da atuação profissional em Dança sabe-se da existência de cursos de graduação em algumas universidades brasileiras, como por exemplo a Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Campinas.

Além disto, Miranda (1991, p.4) admite que os conteúdos da Dança só farão parte do planejamento escolar dos licenciados em Educação Física que tiveram experiências em Dança anterior a vida universitária.

Segundo a referida autora,

...Este fato sugere a possibilidade de que a forma como a Dança está sendo estudada pela Educação Física não propicia ao futuro professor o conhecimento e a confiança necessários para incluí-la nos seus planos de aula. Por outro lado, poderia ser questionada a real necessidade ou validade do estudo da Dança nos currículos de formação dos professores de Educação Física, já que ela pode ser estudada, a nível de Terceiro Grau nos Cursos Superiores de Dança, que formam professores e dançarinos e têm seu currículo mínimo aprovado desde 1971 (BRASIL. MEC, 1974).

Após pesquisa com professores das disciplinas de Dança nos cursos de Educação Física, com professores dos cursos de Dança e professores de cursos livres de Dança, Miranda (1991, p.65) apresenta como conclusão o problema "... da falta de definição do objetivo da Dança para o profissional em Educação Física, e (...) da presença da Dança nos cursos de Educação Física ser insuficiente para denominar-se 'formação em Dança'."

Paralelamente, quando a discussão se desloca para o Lazer/Recreação, Prado (1988, p.1) identifica como importante o aperfeiçoamento das discussões em torno das competências profissionais para a atuação neste campo e advoga que é preciso pensar na "... capacitação de especialistas com formação multidisciplinar e competentes para atuar em todas as dimensões do lazer e recreação: o 'Recreólogo'."

A justificativa segundo a qual o curso de Licenciatura em Educação Física deveria ter caráter generalista para que o profissional oriundo deste curso tivesse mais chances no mercado de trabalho também foi criticada.

Costa (1988, p.209) quando analisa o crescimento do número de cursos de Educação Física afirma que a formação profissional dá-se por "...pinceladas superficiais dos diferentes conteúdos..." e, conseqüentemente, esta realidade acarreta a formação de profissionais inseguros e despreparados para atuarem nos diferentes campos (Pellegrini, 1988).

Corroborando com as idéias acima citadas, Betti (1992, p.249-50) afirma que

... As licenciaturas em Educação Física têm fracassado, fundamentalmente, porque seu foco prioritário de estudo não está na pré-escola e nas escolas de 1o. e 2o. graus e na utilização das atividades físicas dentro delas, mas em outra parte qualquer onde o aluno possa futuramente encontrar emprego...

Além dos problemas observados na preparação e atuação do profissional, Tojal (1989, p.20) lembra que se torna difícil definir o que é ser professor de Educação Física pois este vai atuar "de forma superficial em várias áreas perdendo, portanto, em qualidade e especificidade, não conseguindo obter o reconhecimento nem mesmo dos seus possíveis beneficiários...". Isto é, a defesa da formação generalista provoca, também, problemas de reconhecimento e de "status" profissional.

No entanto, ainda se advoga que o profissional de Educação Física é por excelência um educador e deveria ser oriundo de um curso de licenciatura com formação generalista.

Como observa Barros (1993, p.16)

...a referência que se fazia ao perfil profissional era relativa ao professor. A palavra educador procurava identificar esse perfil. O profissional do esporte ou professor de Educação Física deveria, antes de tudo, ser um *educador*, mesmo não se estando definido o sentido amplo dessa palavra (...). Bastava o rótulo de *educador* - para que tudo fosse justificado...

Posto desta forma, pode-se argumentar que a idéia do profissional de Educação Física como educador, oriundo de uma formação generalista, apresenta um duplo equívoco: o licenciado é um especialista em educação escolarizada (e o licenciado em Educação Física deve ser um profundo conhecedor da função da escola e do papel da Educação Física dentro dela) e

... é de tal maneira genérica a forma pela qual a Educação Física tem-se justificado como ciência pedagógica, que se torna difícil aceitar tal nível de generalidade. Esse fato acaba por transformar a justificativa na admissão de que, em última instância, tudo é Educação... (Tojal, 1989, p.16).

Ainda discutindo sobre qual deveria ser a melhor alternativa para a habilitação profissional em Educação Física, Verenguer (1996) observa que as instituições, após uma reavaliação curricular, ao optarem por oferecer tanto o bacharelado quanto a licenciatura dirigiram grande atenção a esta última, contrariando a idéia, segundo a qual com o surgimento do bacharelado, a licenciatura assumiria um papel coadjuvante.

Embora a questão relativa ao bacharelado em Educação Física frequentemente seja vista pelo prisma da formação de recursos humanos e sua atuação no mercado de trabalho, é preciso vê-la, também, pelo prisma acadêmico.

DIMENSÕES ACADÊMICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

É importante observar que, pelo menos do ponto de vista da literatura, as discussões em torno da caracterização do campo de conhecimento da Educação Física tornaram-se foco de atenção e se concretizaram como preocupação da comunidade acadêmica, no início dos anos 90.

Cronologicamente, este é um dado importante: o Parecer no.215/87, que dá suporte à Resolução no.3/87 que fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observados nos cursos de graduação em Educação Física (Bacharelado e/ou Licenciatura Plena) e, advoga a caracterização do campo de conhecimento, aparentemente antecipa a necessidade de se legitimar a Educação Física na Universidade.

Na verdade, é possível afirmar que este tema já vinha sendo objeto de conversas informais e mais ou menos sistemáticas no meio acadêmico e que os responsáveis pela elaboração do documento participaram deste ambiente e tinham uma noção do assunto.

De qualquer forma, é preciso lembrar que Silva (1983, p.20) já se questiona sobre o significado da área no universo acadêmico: "... atualmente, fica-se em dúvida sobre o real significado da expressão Educação Física. Seria um nome adequado para exprimir sua real ação? Estaria definida a sua área de ação? Qual seria seu objeto de estudo?...".

Paralelamente, Marinho (1984) relata sua insatisfação com a expressão *professor de Educação Física* pois, além de pejorativa e estigmatizada, não condiz com o alto grau de conteúdo científico verificado nos cursos de graduação. O referido autor acredita que uma denominação mais erudita e respeitosa, *cinesiologia e cinesiólogo*, dignificaria a área.

Das primeiras tentativas no sentido de caracterizar a Educação Física no âmbito acadêmico, têm-se as idéias defendidas por Manoel (1986) a favor da produção do conhecimento focalizando o significado do movimento para o homem.

Após uma breve síntese da literatura norte americana sobre o assunto, o autor citado acima afirma:

... o movimento humano e sua significância para o homem, como um aspecto básico, ainda não foi explorado por nenhuma disciplina porque tem-se considerado o movimento mais como um

meio para outros fins, e acreditamos que esta função não cabe à Educação Física, pois para ela o movimento humano é o ponto inicial e final, ou seja, enquanto através do movimento tomamos contato com a ampla gama de facetas de que se apresenta o comportamento humano, com vários subsistemas atuantes (cognitivo, afetivo, social, etc), nós nos preocupamos por outro lado, com este conjunto de subsistemas interagindo na organização do comportamento motor...(p.351).

A definição do movimento humano como foco de análise da Educação Física não basta, pois outras áreas como a Psicologia e a Sociologia têm realizado estudos tendo o movimento humano como meio para a compreensão dos fenômenos psicológicos, sociais e/ou de aprendizagem.

Manoel (1986) anuncia sua preocupação com a especificidade do objeto de investigação da Educação Física: tratar o movimento humano do ponto de vista dos mecanismos que possibilitam o comportamento motor.

Recentemente, o mesmo autor reavalia suas posições e propõe que a atividade motora, entendida como um conjunto de atos intencionais que visam melhorar e promover a capacidade para o movimento, deveria ser o objeto de preocupação da Educação Física. Já a *Cinesiologia/Ciência do Movimento Humano* deveria compreender os mecanismos subjacentes ao comportamento motor humano (Manoel, 1995).

No mesmo sentido, Tani (1988, 1989) procura mapear as discussões em torno da legitimidade da área e estabelecer uma nova ordem conceitual.

O diagnóstico feito pelo autor mostra que os problemas profissionais, os de preparação de recursos humanos, de pesquisa e os relacionados com a Educação Física escolar têm como natureza comum a desestruturação da área de conhecimento.

Assim, Tani (1989) admite que o movimento humano pode ser reconhecido como um objeto de investigação que pode trazer conhecimentos para a Educação Física. O autor define cinco possibilidades de estudo para o movimento humano, a saber:

- a) analisar o significado do movimento na relação ser humano e meio ambiente;
- b) analisar o movimento humano a partir da sua composição interna e a partir da sua complexidade;
- c) estudar o movimento humano nos diferentes níveis de análise;
- d) analisar o movimento humano a partir das mudanças temporais decorrentes da experiência e aprendizagem; e
- e) analisar o significado do movimento dentro do ciclo de vida de ser humano.

Feito isso, o autor considera que o termo *Educação Física* é inadequado para caracterizar a área de conhecimento e propõe o termo *Cinesiologia*.

Essa área de conhecimento seria composta pelas sub-áreas biodinâmica do movimento humano, comportamento motor e estudos sócio-culturais do movimento humano e a pesquisa produzida por elas teria o caráter básico.

Com isso, Tani (1989) defende que o estudo do movimento humano, identificado por ele como Cinesiologia, se caracteriza por uma disciplina acadêmica que forneceria conhecimento para as áreas profissionalizantes que têm sua intervenção na sociedade através do movimento humano.

Para essas áreas profissionalizantes, por exemplo Fisioterapia, Terapia Ocupacional e a própria Educação Física, entendida como área que desenvolve programas de atividade motora visando a aprendizagem de habilidades e melhora das capacidades, as pesquisas seriam de natureza aplicada.

No caso específico da Educação Física, o referido autor propõe como sub-áreas de pesquisa a pedagogia do movimento humano e a adaptação do movimento humano que responderiam pelo fornecimento de soluções sobre a condução dos programas de atividade motora.

Reavaliando suas teses, Tani (1996) reconhece a complexidade do fenômeno *movimento humano* e admite que a Cinesiologia teve ser definida como área de conhecimento ao invés de disciplina acadêmica.

Tani (1996, p.20) reconhece, ainda, que, na ânsia de se obter prestígio acadêmico, os trabalhos de pesquisa em Educação Física valorizam em demasia as sub-disciplinas (fisiologia do exercício,

biomecânica, aprendizagem motora, por exemplo) e que estes trabalhos pouco contribuíram para a melhoria da atividade profissional:

... De fato, uma das conseqüências do *movimento disciplinar* foi uma ênfase quase que exclusiva ao estudo científico do movimento humano, o que resultou num abandono de estudos profissionalizantes e aplicados que abordassem problemas relevantes encontrados na prática da Educação Física...

Pensando na Educação Física, o referido autor, reafirma sua convicção na necessidade de desenvolver um corpo de conhecimento para dar sustentação acadêmico-científica ao cotidiano profissional. Este conhecimento, oriundo da pesquisa aplicada, visaria responder às preocupações pedagógicas e profissionais e sustentaria a elaboração e desenvolvimento de programas de Educação Física escolar e não-escolar.

A Cinesiologia seria responsável por fornecer conhecimento a outras áreas profissionais como a Fisioterapia e Terapia Ocupacional. O Esporte, enquanto área profissional distinta da Educação Física, teria como estrutura acadêmica e realizaria pesquisa aplicada nas sub-áreas de Treinamento Esportivo e Administração Esportiva (Tani, 1996).

No mesmo sentido, Canfield (1993, p.147), ao reconhecer que o movimento humano está presente em outras áreas de intervenção profissional além da Educação Física (ergonomia, artes, dança, esporte, reabilitação, medicina, engenharia, fisioterapia, enfermagem, bioengenharia, educação especial), propõe a *Ciência do Movimento Humano* que daria suporte teórico às diferentes profissões:

... um corpo de conhecimentos comuns que beneficie todos os estudantes de campos profissionais distintos mas tendo no movimento humano sua preocupação, emerge de um campo de conhecimento amplo, preocupado com o que podemos denominar de Ciência do Movimento Humano. Posteriormente, a seleção deste conhecimento básico deve ser feita em termos de relevância para os diversos tipos de campos de aplicação...

Para Mariz de Oliveira (1993) a consolidação da Educação Física no contexto acadêmico e profissional exige da comunidade universitária a fundamentação teórica da área, que significa, em última instância, o desenvolvimento de pesquisa para a fundamentação das práticas profissionais.

Desta forma, o autor não identifica a Educação Física como disciplina acadêmica e afirma que ...a caracterização principal desse relacionamento acadêmico deve ser a preocupação constante com a produção e acúmulo de conhecimentos envolvendo o entendimento e explicação da motricidade humana. O importante é o entendimento da motricidade humana não como um objeto de estudo único da Educação Física, mas como uma área temática integrativa de ciência e pesquisa... (Mariz de Oliveira, 1993, p.14).

Caracteriza-se, assim, a Educação Física como uma área eminentemente profissional e de conhecimento aplicativo.

O autor ainda faz uma referência ao Esporte afirmando ser este, outra área integrativa de pesquisa, com objetivos distintos da Educação Física, porém tendo a motricidade humana como alicerce acadêmico.

A busca da identidade e o delineamento de uma matriz teórica para a Educação Física são os motivos levantados por Tojal (1993) para suas reflexões acadêmicas.

Numa referência explícita aos trabalhos de Manuel Sérgio¹, Tojal (1993) preocupa-se em caracterizar a singularidade do objeto de investigação da Educação Física e defende a motricidade humana como referência.

O referido autor admite a inadequação do termo *Educação Física*, que para ele reforça a dicotomia mente e corpo e propõe o termo *Ciência da Motricidade Humana*.

Segundo Tojal (1993) o arcabouço teórico desenvolvido pela Ciência da Motricidade Humana proporcionaria a compreensão de outras condutas motoras, como por exemplo, as condutas próprias da Dança, do Esporte, da Ergonomia e do jogo.

Por fim, o autor advoga a criação de uma unidade universitária, o Instituto de Motricidade Humana, que desenvolveria pesquisa e formaria recursos humanos relativos à área.

A preocupação com a caracterização do campo de conhecimento da Educação Física tem, além de razões epistemológicas, implicações na organização departamental da Universidade.

Para Teixeira (1993) a ausência da definição da área de estudo dificulta a justificativa de uma unidade universitária que forma apenas licenciados em Educação Física desvinculada, administrativamente, da Faculdade de Educação.

Mais difícil ainda seria compreender como é possível uma unidade universitária viver da aplicação de conhecimentos produzidos por outras áreas sem produzir seu próprio conhecimento. Neste caso, a Educação Física se caracterizaria como um curso de 2o. grau no qual a repetição de técnicas e procedimentos é aceitável (Teixeira, 1993).

A partir destas considerações, o autor vai organizar uma estrutura argumentativa para definir a interface acadêmica da Educação Física e conclui que ela "... fica melhor caracterizada como um tema científico do que como disciplina acadêmica..." (p.85).

Isso significa dizer que o objeto de investigação da Educação Física não é exclusivo dela mas é, também, objeto de outras áreas acadêmicas.

A motricidade humana tema científico proposto por Teixeira (1993, p.87)

... apresenta-se como uma área de investigação que tem despertado grande interesse em pesquisadores das mais diversas origens, tem produzido um grande volume de conhecimento e tem perspectivas de aplicação em inúmeros campos de atuação profissional...

Isto posto, é possível afirmar que o autor citado acima vê a motricidade humana como um objeto a ser organizado cientificamente e que parte do conhecimento produzido deve estruturar os cursos de preparação profissional que tenham aquele fenômeno como aspecto relevante.

Da mesma forma que Tojal (1993), Teixeira (1993) advoga a criação de um instituto que responderia pela produção de conhecimento e preparação profissional sobre a área da motricidade humana.

Após a apresentação de suas idéias sobre a estruturação da área, Teixeira (1993) afirma que o termo *Educação Física* não é representativo desta nova ordem, justificando que o termo *física* enfatiza demasiadamente a dimensão biológica do fenômeno e que o termo *educação* traz apenas a idéia educacional.

Como proposta para a área de conhecimento, Teixeira (1993), a partir dos critérios de representatividade, significância, consistência, brevidade e singularidade, apresenta o termo *Cinesiologia* que definiria o estudo da motricidade humana nas mais diversas manifestações e em todos níveis de análise.

Lima (1994) afirma que existe por parte dos interlocutores da Educação Física uma visível dificuldade em discriminar os aspectos acadêmicos dos profissionais e isso resulta no não entendimento da importância da criação do bacharelado.

Historicamente, por se considerar que as práticas da Educação Física estavam relacionadas com os aspectos educacionais, observa-se que os cursos adotam o caráter de licenciatura, tentando legitimar procedimentos existentes.

Assim,

...Criou-se um curso profissionalizante sem que houvesse um corpo consistente de conhecimento sistematizado para lhe dar sustentação. Em decorrência da falta de fundamentação teórica, pela falta de um corpo de conhecimento específico da educação física, os primeiros cursos tinham caráter eminentemente técnico, com ênfase no domínio dos métodos utilizados na época... (Lima, 1994, p.59).

Reverter esse quadro é condição indispensável para o referido autor que admite ser o movimento humano o objeto de análise da Educação Física. Acrescenta, ainda, que embora o movimento humano não seja exclusivo da Educação Física, seu conhecimento, oriundo de estudos integrativos, teria o caráter aplicado para sustentar a atuação profissional. A idéia segundo a qual a legitimidade acadêmica da Educação Física consiste em caracterizar seu campo de conhecimento, desvinculado do seu caráter pedagógico, não é unanimidade entre os interlocutores da área.

É bom lembrar que Bracht (1993) ao discutir a caracterização e o “status” acadêmico da Educação Física, se refere a um fenômeno exclusivamente escolar que prescindir da definição de uma área de conhecimento.

Assim, “...a EF precisa construir seu objeto a partir da intenção pedagógica. Esta é que deve nortear a construção da problemática teórica que vai orientar o estudo do seu objeto...” (Bracht, 1993, p.114).

O referido autor critica a ênfase nas pesquisas em fisiologia e cineantropometria (sub-áreas) e reivindica a caracterização de uma disciplina síntese ou articuladora que seria responsável por subsidiar a prática dos educadores.

Na mesma linha de raciocínio, Gaya (1994) afirma que a Educação Física não pode ser reduzida à ciência ou filosofia sob pena de abandonar seu significado social, e que a identidade profissional está em reconhecer a Educação Física como um projeto pedagógico e o professor de Educação Física como um educador, um pedagogo.

Anteriormente às discussões sobre a caracterização acadêmica da Educação Física e, também, às atuais propostas de síntese, observa-se, na literatura, o conceito de Ciências do Esporte.

Essa tradição de pensamento foi (e é) importante para a reflexão e crítica da Educação Física brasileira através de uma sociedade atuante (Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte), de eventos científicos (Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte) e de seu periódico (Revista Brasileira de Ciências do Esporte).

Embora antigo e fazendo parte do universo da Educação Física, *Ciências do Esporte* é um termo que provoca controvérsias quando se considera seu significado.

Brochado (1995, p.1) afirma que as Ciências do Esporte (conceito de origem alemã) servem “... para definir o que no Brasil se chama também de Educação Física ou de Motricidade Humana, abrangendo portanto atividades físicas generalizadas e não somente aquelas de caráter competitivo...”.

No mesmo sentido, Bracht (1995, p.30), quando faz uma análise da produção científica da área, advoga a impossibilidade de diferenciar a identidade epistemológica da Educação Física e das Ciências do Esporte:

...as chamadas *Ciências do Esporte*. É possível distinguí-las das *Ciências da Educação Física*? ou das ciências ou *Ciência do Movimento Humano* (ou motricidade humana)?, ou ainda, das *Ciências da Atividade Física*? ...

Contrariando essa perspectiva, Santin (1995, p.19) afirma que o termo *Ciências do Esporte* tem significado impreciso e pergunta

...qual seria a ciência que tem como objeto específico o esporte? A Educação Física, que aparentemente se identifica com o esporte, não pode ser caracterizada como a Ciência do Esporte. Parece que não há crime algum ao afirmarmos que não há nenhuma ciência específica do esporte, que mereça ser chamada de Ciência do Esporte...

Aliás, para o referido autor, seria mais adequado pensar em áreas científicas aplicadas ao esporte.

Toda essa discussão sobre a caracterização acadêmica da Educação Física, ou seja, a necessidade de delimitar um objeto de estudo para definir seu prestígio científico é, para Lovisolo (1996), uma armadilha e cria uma tensão desnecessária, qual seja, a obstinação da cultura universitária e a supremacia do conhecimento científico em impor a uma intervenção profissional o caráter de área de pesquisa disciplinar.

A Educação Física é uma profissão ou campo de atuação e deveria estar preocupada com a formulação de propostas de intervenção social. Portanto, seria inadequado supor que cabe à área uma identidade disciplinar detentora de um objeto teórico único: “...é impossível pensar a educação física sob o modelo da intucionalização das disciplinas científicas. De fato, a educação física não possui um objeto próprio, delimitado, específico...” (Lovisolo, 1995, p.26).

Lovisolo (1995, p.20) afirma que o profissional de Educação Física se assemelha a um “bricouler”, ou seja, um articulador de conhecimentos variados: “...ele é formado, fundamentalmente, para

combinar conhecimentos, técnicas, tecnologias para alcançar objetivos sociais. A combinação, o produto intelectual de sua atividade, se expressa geralmente num programa...”.

A articulação ou combinação de conhecimentos sugere que para a Educação Física é a estrutura da pesquisa aplicada a responsável por subsidiar a formação e intervenção profissional.

Embora esteja de acordo com a premência da Educação Física em se constituir como área academicamente reconhecida, Betti (1996) não está convencido da possibilidade de se caracterizar uma “ciência” ou “disciplina” nos moldes tradicionais, capaz de investigar o movimento humano.

As propostas de cientificação da Educação Física levaram à fragmentação e especialização das sub-áreas e ao distanciamento entre produção científica e mundo profissional. Acreditava-se que com a produção de conhecimento (pela disciplina acadêmica ou ciência Educação Física) melhorar-se-iam automaticamente os serviços profissionais (Betti, 1996).

A partir destas constatações, o mesmo autor vai advogar uma *Teoria da Educação Física* que leve em conta um saber que o profissional possui e que foi adquirido ao longo dos anos, no dia-a-dia profissional (o saber-fazer).

Betti (1996), explorando a própria dinâmica da ciência, qual seja, questões emergentes da prática alimentam tematicamente a pesquisa que sugere transformações para a prática e reavalia suas próprias concepções científicas, advoga que qualquer estudioso pode investigar e se manifesta sobre algo relacionado à área sem, no entanto, estar preocupado ou instrumentalizado para melhorar qualitativamente a intervenção.

Cabe à Teoria da Educação Física refletir e criticar a tradição do saber-fazer (conhecimento prática) tornando a área mais consciente de suas possibilidades de intervenção:

...Então, a reflexão sobre a ação, e o conhecimento sobre a reflexão-sobre-a-ação devem ser centrais numa Teoria da Educação Física. Estamos falando de uma ambiciosa tentativa de criar um outro campo, que resulte da interação dos preexistente (profissional e acadêmico, pedagógico e científico), e consolidar um habitus² de pesquisa e prática na Educação Física que não é nem o do profissional, nem o do cientista, mas de um terceiro tipo, que combina, mescla e relaciona os outros dois... (Betti, 1996, p.109).

A partir do exposto pode-se esperar que o autor entenda que a construção do conhecimento em Educação Física deve ser fruto da pesquisa aplicada.

Em síntese, é possível observar que sobre a caracterização do campo de conhecimento da Educação Física existem alguns pontos convergentes.

Os autores afirmam que o estudo da motricidade humana/movimento humano tem como objetivo a especificidade ou singularidade do fenômeno e que várias profissões, além da Educação Física, reconhecem-no como objeto de interesse científico (Canfield, 1993; Mariz de Oliveira, 1993; Tani, 1989, 1996; Teixeira, 1993; Tojal, 1993).

Embora a tradição tenha caracterizado o estudo do movimento humano/motricidade humana como uma disciplina acadêmica, observa-se na atualidade, a existência dos conceitos de tema científico (Teixeira, 1993), área temática (Mariz de Oliveira, 1993) e área de conhecimento (Tani, 1996).

Quando se trata da construção do conhecimento sobre a motricidade humana/movimento humano, considera-se que a pesquisa tem deva ter caráter básico (Manoel, 1995; Tani, 1989, 1996) ou básico e aplicado (Teixeira, 1993).

Sobre o desenvolvimento de meios de intervenção e atuação na Educação Física advoga-se pela pesquisa aplicada (Betti, 1996; Lima, 1994; Lovisolo, 1995; Manoel, 1995; Mariz de Oliveira, 1993; Tani, 1989, 1996 e, talvez, Bracht (1993), levando em conta a Educação Física escolar)³.

Outro aspecto comum a todos os autores diz respeito às razões que os levaram a refletir e propor alternativas para o problema da caracterização do campo de conhecimento da área: acreditam que os problemas relacionados à caracterização profissional e às suas condutas só poderão ser resolvidos se a atuação profissional estiver alicerçada em um suporte teórico proveniente da pesquisa.

Em última instância, para os autores a questão da caracterização do campo de conhecimento em Educação Física é de natureza acadêmica mas têm consequências diretas sobre a caracterização do profissional e sua atuação.

Uma advertência: as idéias aqui apresentadas são manifestações de um período; as diferentes abordagens defendidas pelos autores são manifestações autorais, ou seja, não representam consenso entre a comunidade acadêmica e profissional da Educação Física.

Optou-se deliberadamente por destacar os pontos convergentes por acreditar-se que, nas últimas duas décadas, os interlocutores da área fizeram polemizar, separar, criticar idéias alheias e, agora, talvez seja tempo de conciliar, integrar, acolher as várias idéias. Naturalmente, não se trata de abandonar a polêmica e valorizar a conciliação. Trata-se de encontrar o equilíbrio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme exposto acima, as dimensões profissionais e acadêmicas da Educação Física estão relacionadas entre si e se completam; alegoricamente, são duas faces da mesma moeda.

A síntese da literatura sobre estes assuntos mostra, que os cursos de licenciatura em Educação Física deveriam abandonar seu caráter técnico (supervalorização da competição, do gesto estereotipado, etc) e priorizar o conhecimento sobre a função da escola e da Educação Física dentro dela, através de um currículo que exclua a superficialidade dos conteúdos evitando, assim, a indefinição do perfil do professor.

A criação do bacharelado, do ponto de vista profissional, é fruto do reconhecimento de que programas próprios da Educação Física acontecem fora da escola. Além disto, ou principalmente, esta criação indica, do ponto de vista acadêmico, a existência de uma preocupação com a delimitação de uma área de pesquisa e/ou um objeto de investigação.

Tal objeto, motricidade humana/movimento humano, caracterizaria uma área de conhecimento, Cinesiologia/Ciência da Motricidade Humana/Ciência do Movimento Humano que, através da pesquisa básica, procuraria estudá-lo e compreendê-lo.

Academicamente, caberia à Educação Física desenvolver programas de pesquisa com características aplicadas, ou seja, capazes de subsidiar e responder aos problemas apresentados pelo cotidiano profissional.

Por fim, neste processo de consolidação acadêmica e profissional, os interlocutores da Educação Física são testemunhas e atores de uma história que a pouco começou.

ABSTRACT

PROFESSIONAL AND ACADEMIC DIMENSIONS OF PHYSICAL EDUCATION IN BRAZIL: A SYNTHESIS OF THE DEBATE

The presence of the subject Physical Education in universities has warranted constant thinking of the involved parties on its professional and academic dimensions. The literature review on these issues led to an attempt of mapping out the last 15 years of discussion about these dimensions in Brazil. As far as professional dimensions are concerned, the debate has focused on the undergraduate courses and on the definition of a professional profile. As for the academic dimensions, the main concern has been the characterization of a field of knowledge kinesiology / human movement science - which is responsible for undertaking the study of human motor capabilities and of human movement. The research is of a fundamental nature in this field of knowledge, and it is applied in Physical Education.

UNITERMS: Undergraduate study; Profession; Field of knowledge; Research; Physical Education.

NOTAS

1. Principalmente, **Para uma epistemologia da motricidade humana**. Lisboa, Compendium, 1988 e **Educação física ou ciência da motricidade humana?**. Campinas, Papyrus, 1989.
2. Sistema de disposições integrando todas as experiências passadas (conceito atribuído à Bordieu).
3. Kokubun, 1995 (citado por FERREIRA NETO, A.; GIOELLNER, S.; BRACHT, V., org. **As ciências do esporte no Brasil**. Campinas, Autores Associados, 1995) faz uma crítica aguda a respeito da produção de conhecimento em Educação Física e sentença que para a profissão deve-se pensar em pesquisa aplicada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, J.M.C. Educação física e esporte: profissões?. **Kinesis**, v.11, p.5-16, 1993.
- BETTI, M. **Educação física e sociedade**. Rio Claro, Movimento, 1991.
- _____. Perspectivas na formação profissional. In: MOREIRA, W.W., org. **Educação física & esportes: perspectivas para o século XXI**. Campinas, Papyrus, 1992. p.239-54.
- _____. Por uma teoria da prática. **Motus Corporis**, v.3, n.2, p.73-127, 1996.
- BRACHT, V. As ciências do esporte no Brasil: uma avaliação crítica. In: FERREIRA NETO, A.; GOELLNER, S.; BRACHT, V., orgs. **As ciências do esporte no Brasil**. Campinas, Autores Associados, 1995. p.29-49.
- _____. Educação física/ciência do esporte: que ciência é essa? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.14, n.3, p.111-8, 1993.
- BROCHADO, M.M.V. Ciência do esporte: unidade, diversidade, integração. **Motriz**, v.1, n.1, p.1-7, 1995.
- CANFIELD, J.T. A ciência do movimento humano como área de concentração de um programa de pós-graduação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.14, n.3, p.146-8, 1993.
- _____. Pesquisa e pós-graduação em educação física. In: PASSOS, S.C.E., org. **Educação física e esportes na Universidade**. Brasília, UnB, 1988. p.405-18.
- CARMO, A.A. **Educação física: crítica de uma formação acrítica**. São Paulo, 1982. 184p. Dissertação (Mestrado) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos.
- CARMO, A.A.; ARAGÃO, R. Aspectos críticos de uma formação acrítica. **Cadernos do Cedes**, v.8, p.32-7, 1983.
- COSTA, V.L.M. A formação universitária do profissional de educação física. In: PASSOS, S.C.E., org. **Educação física e esportes na Universidade**. Brasília, UnB, 1988. p.207-24.
- GAYA, A.C.A. Mas afinal, o que é educação física? **Movimento**, v.1, n.1, p.1-6, 1994.
- LIMA, J.R.P. Caracterização acadêmica e profissional da educação física. **Revista Paulista de Educação Física**, v.8, n.2, p.54-67, 1994.
- LOVISOLO, H. **Educação física: a arte da mediação**. Rio de Janeiro, Sprint, 1995.
- _____. Hegemonia e legitimidade nas ciências dos esportes. **Motus Corporis**, v.3, n.2, p.51-72, 1996.
- MANOEL, E.J. Comportamento motor e educação física: as duas faces de Jano. In: SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 5., Rio Claro, 1995. **Anais**. Rio Claro, UNESP, 1995. p.14.
- _____. Movimento humano: considerações acerca do objeto de estudo da educação física. **Boletim FIEP**, v.56, n.1, p.33-9, 1986.
- MARINHO, I.P. Introdução ao estudo da filosofia da educação física e dos desportos. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, DESPORTO E RECREAÇÃO, 1./ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 10., Tramandaí. **Anais**. Tramandaí, 1984. p.231.
- MARIZ DE OLIVEIRA, J.G. Educação física: tendências e perspectivas. In: SEMANA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, 1., São Paulo, 1993. **Anais**. São Paulo, Universidade São Judas Tadeu, 1993 p.6-22.
- _____. Mercado de trabalho e preparação profissional em educação física. **Corpo e Movimento**, v.1, p.7, 1983.
- _____. Preparação profissional em educação física. In: PASSOS, S.C.E., org. **Educação física e esportes na Universidade**. Brasília, UnB, 1988. p.225-45.
- MARIZ DE OLIVEIRA, J.G.; BETTI, M.; MARIZ DE OLIVEIRA, W. **Educação física e o ensino de lo.grau: uma abordagem crítica**. São Paulo, EPU, 1988.
- MEDINA, J.P.S. **A educação física cuida do corpo e "mente"**. Campinas, Papyrus, 1983.
- MIRANDA, M.L.J. **A dança como conteúdo específico nos cursos de educação física e como área de estudo no ensino superior**. São Paulo, 1991. 135p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo.
- MOREIRA, W.W. Repensar a formação profissional. In: PASSOS, S.C.E., org. **Educação física e esportes na Universidade**. Brasília, UnB, 1988. p.261-75.
- OLIVEIRA, V.M. Orientação para repensar a educação física. **Comunidade Esportiva**, n.29/30, p.14-5, 1984.

- PELLEGRINI, A.M. A formação profissional em educação Física. In: PASSOS, S.C.E., org. **Educação física e esportes na Universidade**. Brasília, UnB, 1988. p.247-59.
- PRADO, A.C.M. **Educação física de tempo livre**: tendências para capacitação profissional. São Paulo, 1988. 191p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo.
- RENSON, R. From physical education to kinanthropology: a quest for academic and professional identity. **Quest**, v.41, p.235-56, 1989.
- SANTIN, S. A ética e as ciências do esporte. In: FERREIRA NETO, A.; GOELLNER, S.; BRACHT, V., orgs. **As ciências do esporte no Brasil**. Campinas, Autores Associados, 1995. p.7-28.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Educação física**: legislação básica federal e estadual. São Paulo, CENP, 1985.
- SILVA, J.B. **Análise das relações existentes na legislação que orienta a formação profissional dos especialistas em educação física e desportos e os planos nacionais nas áreas educacional e desportiva no Brasil**. São Paulo, 1983. 131p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo.
- TANI, G. Cinesiologia, educação física e esporte. ordem emanente do caos na estrutura acadêmica. **Motus Corporis**, v.3, n.2, p.9-50, 1996.
- _____. Perspectivas da educação física como disciplina acadêmica. In: SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2., Rio Claro, 1989. **Anais**. Rio Claro, UNESP, 1989. v.2, p.2-12.
- _____. Pesquisa e pós-graduação em educação física. In: PASSOS, S.C.E., org. **Educação física e esportes na Universidade**. Brasília, UnB, 1988. p.379-94.
- TEIXEIRA., L.A. Estudo da motricidade humana como fonte de ordem para um tema científico, uma profissão e um componente do currículo escolar. **Revista Paulista de Educação Física**, v.7, n.1, p.77-91, 1993.
- TOJAL, J.B.A.G. **Currículo de graduação em educação física**: a busca de um modelo. Campinas, Edunicamp, 1989.
- _____. **A emergência da motricidade humana no percurso histórico da UNICAMP**: aplicação de referências epistemológicas à concepção de um modelo de estrutura curricular. Lisboa, 1993. Tese (Doutorado) - Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa.
- VERENGUER, R.C.G. **Preparação profissional em educação física**: das leis à implementação dos currículos. Campinas, 1996. 95p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

Recebido para publicação em: 13 fev. 1997

Revisado em: 13 abr. 1998

Aceito em: 29 maio 1998

ENDEREÇO: Rita de Cássia Garcia Verenguer
Departamento de Educação Física
Universidade São Judas Tadeu
R. Taquari, 546
03166-900 - São Paulo - SP - BRASIL